

SESSÃO 21 – ARTIGOS

CORPO TORNANDO-SE MÁQUINA DE GUERRA...

Paola Judith Amaris Ruidiaz¹

Resumo: Esse artigo procura problematizar a Escola concebendo-a como espaço estriado, homogêneo, nesse sentido a olharemos como um espaço de Luta. Entendendo a sala de aula como um espaço marcante e onde se produz diversas subjetivações que atravessam qualquer corpo. Aqui estabeleceremos a potência do corpo atravessado por aquelas linhas que produzem sua potência, sua capacidade e não sua essência. Corpo sem estrato, sem órgãos, corpo de potência, constituindo-o na medida que ele consiga resistir e criar uma desterritorialização do seu próprio espaço. Adentraremos nisso, redesenhando o que se entende por corpo, planteamos dessa maneira, algumas relações: a de movimento, com maior a menos velocidade, a dos afetos, as capturas. Corpo nômade. Assim nossa pergunta vibrátil seria: **O que pode um corpo tornando-se uma máquina de guerra?** Nada aqui explicará ou analisará nem dará resposta, aqui só se produzirá e adentrará no entre, onde o corpo só problematizará sua própria potência. **Palavras chaves:** Corpo; Espaços lisos-Espaços estriados; escola.

“Não aguento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 6 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis...

Perdoai.

Mas eu preciso ser Outros.

Eu penso renovar o homem usando borboletas”

(DE BARROS, 1998)

“Eu penso renovar o homem usando borboletas”... Será que a Escola poderá produzir corpos que se tornem nômades? Qual é a subjetividade que está produzindo, quando os espaços que se olham ao horizonte são totalmente estriados. Mas, como disse Galeano, a utopia está lá no horizonte, dessa forma, ainda acredito ao caminhar. Assim, nosso espaço de luta, a **Escola**. Um espaço estriado onde se reproduz, conteúdos. Onde seus movimentos vão de um ponto a outro, espaço métrico. Um espaço homogêneo:

Ele é esfriado pela queda dos corpos, as verticais de gravidade, a distribuição da matéria em fatias paralelas, o escoamento lamelar ou laminar do que é fluxo. Essas verticais paralelas formaram uma dimensão independente, capaz de se transmitir a toda parte, de formalizar todas as demais dimensões, de esfriar todo o espaço em todas as direções, e dessa forma torná-lo homogêneo (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 30).

A Escola, sendo um aparelho de Estado, onde sua função é fixar, sedentarizar, determinar seus canais e dutos, introduzindo uma divisão de trabalho que tempo todo cogita e se faz visível, Professor-Estudante. Criando uma distância vertical que fornece o modo de comparação, condicionando dessa maneira, as multiplicidades métricas. O Estado nesse sentido, “não para de

¹ Doutoranda em Educação Matemática do programa de Educação Matemática da UNESP (Rio Claro). E-mail: paolaamaris@gmail.com.

produzir e reproduzir círculos ideais, mas é preciso uma máquina de guerra para fazer um redondo” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 27). Esse é nosso ponto de ação e de caminho, pois nesse artigo vamos a centrarmos em: **o que pode um corpo tornando-se uma máquina de guerra?**

A Escola, tempo todo está se apropriando daquela ciência onde seu plano de ação está determinado por movimentos lineais, permanências de pontos fixos, pois é um espaço homogêneo não é em absoluto um espaço liso, ao contrário da forma estriada. A ciência régia que é a bandeira do sistema educativo apropria-se dos conteúdos, a “ciência de Estado não para de impor sua forma soberana” limita e controla de modo estrito, ou seja, o próprio Estado tem necessidade de uma ciência hidráulica.

Agora, existe uma distância entre qualquer ponto, esse entre que está se mobilizando, criando, fraturando ou inclusive, rachando as palavras e as coisas. Esse entre que Deleuze fala: ciência nômade. Onde não para de fazer fugir os conteúdos da ciência régia. Pois também é um campo científico, nosso caso, também pode se produzir dentro de qualquer aparelho do Estado, tentando criar espaços lisos. Um campo sem condutas, nem canais, um espaço de contato, de pequenas ações. Será possível produzir espaços lisos dentro dos espaços estriados?

[...]um espaço liso, um campo de vetores, uma multiplicidade não métrica, serão sempre reduzíveis, e necessariamente traduzidos num "cômpar": operação fundamental pela qual instala-se e repõe-se em cada ponto do espaço estriado um espaço euclidiano tangente, dotado de um número suficiente de dimensões, e graças ao qual se reintroduz o paralelismo de dois vetores, considerando a multiplicidade como imersa nesse espaço homogêneo e estriado de reprodução, em vez de continuar seguindo-a numa exploração progressiva (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 33).

O espaço liso sendo ele um espaço heterogêneo, gira numa multiplicidade particular: as multiplicidades não métricas, acentradas, rizomáticas, que ocupam um espaço sem “medi-lo”. Ocupa-se um espaço, onde se produz um processo de desterritorialização que constitui e estende o próprio território” (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 33) o que chamaremos um **corpo nômade**.

Antes de adentrarmos nisso, faz-se necessário redesenhar o que se entende por corpo, o qual o planteamos sobre algumas relações: a de movimento, com maior a menos velocidade, a dos afetos, as capturas. Um corpo mais nosso do que nunca, corpo tornado função de outro, corpo submisso. Trazendo a Spinoza: os corpos distinguem-se entre si pelo movimento e pelo repouso, pela velocidade e pela lentidão e não pela substância (SPINOZA, 2007) Corpo atravessado por essas linhas que produzem sua potência, sua capacidade e não sua essência. Corpo sem estrato, sem órgãos, corpo de potência, potência no corpo. Destruir toda forma. Um corpo sem forma nem figura, um corpo sem órgãos produzido no próprio lugar, a seu tempo. Um corpo sem imagem (DELEUZE; GUATTARI, 2004, p. 13).

O nômade, distribui-se num espaço liso, ele ocupa, habita e matem esse espaço, cria rizomas dentro dele, reside e parte de um princípio territorial, espera, tem paciência produz um processo estacionado,

O *nômade* não se define inicialmente como *transumante* nem como *migrante* ainda que o seja por via de consequência. A determinação primária do nômade, com efeito, é que ele ocupa e mantém um espaço liso: é sob este aspecto que é determinado como nômade (essência) (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 33. Grifo nosso).

Olhando assim, como o corpo pode se tornar um corpo nômade? Quando o Estado relativiza o movimento, produzindo movimento absoluto. Dessa maneira, poderia se dizer que não só vai do liso ao estriado, mas pode reconstituir um espaço liso, torna a produzir liso ao final do estriado. Esse movimento, que se caracteriza nômade, vai constituindo um corpo na medida que ele consiga resistir e criar uma desterritorialização do seu próprio espaço. Nosso caso, espaço Escola. Onde a sala de aula é nosso espaço estriado, marcante e no qual se produz e cria diversas subjetivações que atravessam qualquer corpo, não se reduz a um organismo, assim como o espírito do corpo não se reduz a uma alma. Aqui estabelecemos a potência do corpo quando junto com Spinoza (2007) pensa-se no que pode um corpo? “Ninguém determinou até agora o que pode um corpo, o que o corpo pode fazer e que não pode fazer”. Não sabemos o que pode um corpo mais compreendendo com Nietzsche, quando a vida vinga? E nesse nomadismo

[...]acompanha uma máquina de guerra mundial cuja organização extravasa os aparelhos de Estado, e chega aos complexos energéticos, militares-industriais, multinacionais. Isto para lembrar que o espaço liso e a forma de exterioridade não têm uma vocação revolucionária irresistível, mas, ao contrário, mudam singularmente de sentido segundo as interações nas quais são tomados e as condições concretas de seu exercício ou de seu estabelecimento (por exemplo, a maneira pela qual a guerra total e a guerra popular, ou mesmo a guerrilha, lançam mão de métodos (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 52).

A máquina de guerra é a invenção nômade, porque na sua essência, o elemento constituinte do espaço liso, da ocupação desse espaço, do deslocamento nesse espaço, e da composição da máquina de guerra como invenção nômade, procura e está obrigada a destruir qualquer forma. Como quando o Estado entra em choque no momento que ele se apropria da máquina de guerra, esta muda evidentemente de natureza e de função, visto que é dirigida então contra os nômades e todos os destruidores de Estado, ou então exprime relações entre Estados, quando um Estado pretende apenas destruir um outro ou impor-lhe seus fins (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Aqui o papel importante da potência do sujeito, a potência de vida, apropriar-se dela mesma.

Referências

BARROS, M. *Retrato do Artista Quando Coisa*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1998.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Mil Platôs*. v. 5. São Paulo: Editora, v. 34, 1997.

DELEUZE, G; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia 1*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2004.

SPINOZA, B. *Ética*. Tradução: Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.